

CEM DIAS NA CASA BRANCA: POPULARIDADE EM ALTA

Obama iguala Reagan em aprovação

Pesquisa indica que 68% dos americanos apoiam presidente dos EUA, que hoje completa 100 dias no cargo

Renata Miranda

O presidente dos EUA, Barack Obama, completa cem dias de governo hoje como o presidente mais popular desde Ronald Reagan (1981-1989). Uma pesquisa divulgada por *The New York Times*/CBS News indicou que 68% dos americanos aprovam o governo de Obama – a mesma porcentagem que Reagan atingiu no período inicial de Casa Branca, há mais de duas décadas.

O mais impressionante, porém, foi a capacidade que Obama teve de manter os altos índices de popularidade, apesar do grande número de medidas polêmicas adotadas no início de seu mandato. Em menos de quatro meses, ele rompeu quase completamente com as políticas defendidas por seu antecessor, George W. Bush, defendendo uma reaproximação dos EUA com o Irã, assumindo uma posição contra as leis antiaborto e liberando financiamento para as pesquisas com células-tronco embrionárias.

“Obama continua se beneficiando do desejo do povo por mudanças após anos de decepções do governo Bush”, afirmou ao *Estado* o analista Thomas Mann, da Brookings Institution, em Washington. “Os americanos sabem que Obama não criou os problemas atuais. Por isso, estão sendo pacientes, pelo menos por enquanto.”

Segundo Mann, a popularidade de Obama não foi afetada pelas polêmicas questões que ele aborda por causa do contexto econômico no país. “As questões culturais têm menos influência em tempos de crise, mas mesmo assim Obama está trabalhando para reduzir as divisões e aproveitar-se da liberalização de alguns temas sociais, como o casamento homossexual”, explicou Mann.

Para Peter Levine, diretor do Centro de Informação e Pesquisa do Aprendizado Civil da Universidade Tufts, em Massachusetts, nos últimos anos os EUA vêm se direcionando gradualmente rumo a um caminho mais liberal. “Enquanto o país passa por um processo de mudança, os conservadores tentam lutar contra esse movimento, mas no momento atual essas questões são menos importantes por causa da crise financeira”, disse Levine. “No entanto, se a economia melhorar, acredito que alguns desses temas voltarão ao cenário político.”

Obama deve marcar seus cem dias de governo com uma visita a Saint Louis, no Missouri

Presidente está em campanha permanente

...Desde que assumiu o cargo, o presidente Barack Obama vem utilizando a rede de doadores que o ajudou durante a campanha para tentar conseguir apoio para suas políticas. “Obama está em campanha permanente e faz isso intensamente”, disse o analista John Pitney Jr., da Faculdade Claremont McKenna, na Califórnia. Os contribuintes que estavam na lista de e-mails do comitê de campanha de Obama continuam recebendo mensagens, nas quais os assessores do presidente pedem apoio. Pitney, porém, não sabe o quanto a tática será eficaz: “É muito mais fácil mobilizar as pessoas durante uma campanha do que entusiasmas para obter apoio para a aprovação de leis.” **R.M.**

ri, onde se reunirá com partidários e responderá a perguntas. Depois, ele segue para Washington para dar uma entrevista coletiva.

DIVISÃO PARTIDÁRIA

Mesmo com uma alta popularidade, Obama ainda não conseguiu cumprir uma de suas promessas de campanha: pôr fim ao partidarismo em Washington. Uma pesquisa feita pela *Associated Press*/GfK indica que apenas 24% dos republicanos apoiam o novo presidente.

O analista político Mark Curtis, autor do livro *Age of Obama* (Era de Obama, em tradução livre), acredita que o presidente está buscando incluir mais os republicanos em seu governo para atingir um equilíbrio entre os partidos. “Uma das decisões mais inteligentes dentro dessa estratégia foi manter Robert Gates como secretário da Defesa”, disse Curtis. “O presidente vem tentando criar um novo jeito de fazer política nos EUA e acredito que ele é um dos líderes americanos que mais têm se empenhado para chegar a um consenso com o outro lado.” **COM NYT**



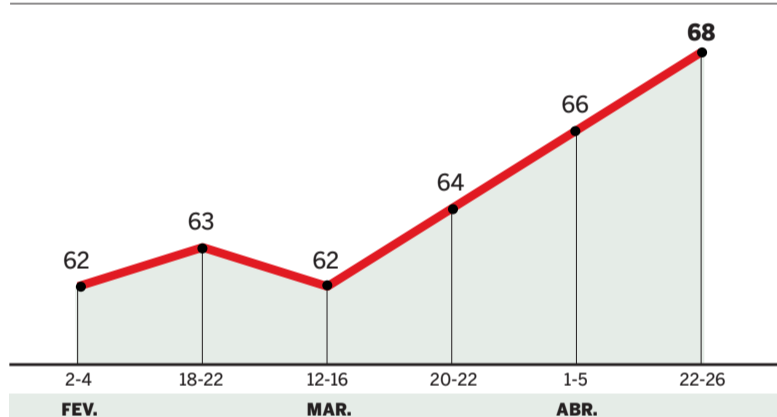
AGENDA – Obama em Washington: para marcar cem dias, presidente participará de reunião com partidários e dará entrevista coletiva

COMEÇO FIRME

Barack Obama consegue manter índices de aprovação estáveis em seus primeiros meses de governo

Popularidade

EM PORCENTAGEM

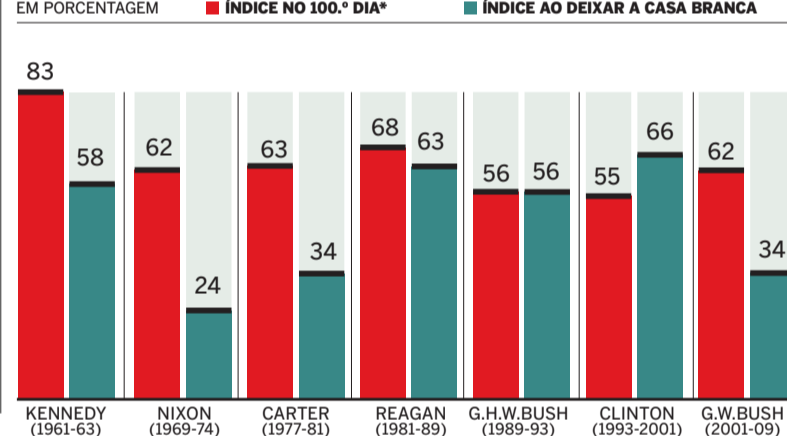


*Alguns dos índices não marcam exatamente o 100.º dia, mas foram registrados em até nove dias da data

FONTES: GALLUP POLL, THE LOS ANGELES TIMES E NYT/CBS NEWS

Comparação

EM PORCENTAGEM



INFOGRÁFICO/AE

Republicano muda de partido e deixa governo perto da maioria de 60 senadores

WASHINGTON

O senador republicano Arlen Specter, da Pensilvânia, anunciou ontem que pretende se filiar ao Partido Democrata. A decisão caiu como uma bomba em Washington, já que deixaria os democratas muito próximos de obter o controle total do Senado, com 60 das 100 cadeiras. A vantagem daria ao partido do presidente Barack Obama a ca-

pacidade de evitar manobras protelatórias da minoria republicana em discussões no Congresso.

Atualmente, o Partido Democrata tem 58 senadores. Com Specter, o número subiria para 59. Ainda resta uma cadeira vaga, a do Estado de Minnesota, que está sendo decidida na Justiça. O republicano Norm Coleman obteve pouco mais de 700 votos de vantagem sobre o de-

mocrata Al Franken – de um total de 3 milhões de votos. Pela lei local, o Estado teve de reconstruir todos os votos. Após nova apuração, Franken venceu, mas o resultado está sendo contestado nos tribunais.

Os republicanos reconheceram ontem que a decisão de Specter representa um grave risco de que o partido perca outros membros moderados. Specter, de 79 anos, há 29 no

Senado, conversou antes do anúncio com Obama e com o vice-presidente Joe Biden, tido como principal articulador da cooptação do senador. “Minhas convicções políticas estão mais próximas dos democratas do que dos republicanos”, justificou Specter.

O novo senador democrata, no entanto, alertou que manterá sua independência e não haverá alinhamento automático com o partido. “Manterei minha independência”, disse Specter. A última vez que um partido atingiu a marca de 60 senadores foi em 1978, quando os democratas conquistaram 61 cadeiras. **NYT E REUTERS**

Artigo

Habilidade de mudar o pensamento americano

Jean Edward Smith*

THE NEW YORK TIMES

Em termos de conquistas legislativas, os primeiros cem dias de Barack Obama mal se comparam aos de Franklin D. Roosevelt.

Roosevelt enfrentou circunstâncias cuja repetição é improvável. Um quarto do país estava desempregado, os preços das commodities haviam desmoronado, fábricas estavam ociosas e o sistema bancário oscilava à beira do abismo. E não havia nenhuma rede de segurança ou re-

gulação. Metade das fazendas do país enfrentava execução hipotecária e 44% dos donos de casa não conseguiam pagar suas hipotecas.

“Esta nação pede ação, e ação agora”, disse Roosevelt. O Congresso respondeu com 15 medidas que puseram os EUA no caminho da recuperação.

Nem o presidente Obama nem os demais sucessores de Roosevelt igualaram esse recorde. Nenhum enfrentou seus desafios. Sim, Obama enfrenta duas guerras de baixa intensidade – no Afeganistão e no Iraque –, recessão, desemprego crescente, uma indústria automotiva falida e problemas crônicos nas áreas de saúde, educação, energia e meio ambiente.

Todos são graves e urgentes, mas não são comparáveis aos que Roosevelt enfrentou. A rede de segurança proporcionada pelo New Deal dá tempo para o governo agir deliberadamente.

A forma de governar de Obama também é nitidamente diferente da de Roosevelt. Enquanto Obama é um jogador de equipe, sempre buscando o consenso, Roosevelt centralizava as decisões. Seus apoiadores eram tão numerosos que muitas vezes Roosevelt parecia um unificador, mas a verdade é que ele travava uma luta de classes incansável e prosperava sobre o aviltamento de seus inimigos. “Eles são unânimes em seu ódio a mim – e eu saúdo seu ódio”,

disse ele a uma multidão no Madison Square Garden em 1936.

A semelhança entre Roosevelt e Obama é marcante na habilidade para mudar a mentalidade do país e promover um novo conjunto de pressupostos.

Como Roosevelt, Obama consegue converter a opinião pública a seu favor

Em 1933, Roosevelt tornou-se líder de uma nação que durante meio século acreditara que o melhor governo era o que governava menos. Obama herdou uma variante desse senti-

mento, popularizada por Barry Goldwater e Ronald Reagan, de que o governo é o problema, não a solução. Nos dois casos, tal ideia foi atropelada pelos fatos.

O mesmo é verdade para as relações externas. Roosevelt enfrentou uma nação trancada num isolacionismo xenófobo. Obama enfrenta seu descendente direto, a doutrina da excepcionalidade americana.

O isolacionismo dos anos 30 levou os EUA a ignorar a ameaça do imperialismo alemão e japonês e a fechar suas fronteiras à Europa. A excepcionalidade americana praticada por George W. Bush proporcionou uma licença para o unilateralismo, desconsideração de regras internacionais e rejeição dos câ-

nonas da diplomacia.

Para converter a opinião pública, Roosevelt recorreu ao rádio. Obama usa mensagem de texto e a internet e tem sido ajudado por uma liderança republicana tecnologicamente inepta. “Fiquei muito impressionado com a maneira como o senhor controlou a opinião pública permitindo que ela fosse à sua frente”, escreveu o rei britânico George VI a Roosevelt em 1941. A julgar por seu histórico até agora, Obama parece ter decidido que o que funcionou para Roosevelt poderá funcionar para ele também. **•**

*Jean Edward Smith é professor de ciência política na Marshall University